REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 703

10 DE JULHO DE 1898

Redacção – Atelier de gravura – Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

CHRONICA OCCIDENTAL

Em poucas horas, por toda a cidade, a triste nova se espalhou, poucas horas depois da noticia da heroica batalha em volta dos muros de Santiago, onde os hespanhoes se haviam batido contra os exercitos dos americanos e revoltosos em tão pequeno numero e tão denodadamente, que foram pasmo dos proprios adversarios

Um telegramma dizia o boato da perda da esquadra de Cervera e da prisão do almirante. «Dizse debaixo de reserva ..» E estas palavras, por que principiava, deixavam um clarão de esperança. Dizia-se mais, para prova da falsidade do boato, que, sendo o telegramma das cinco horas da manhã, os fundos hespanhoes haviam subido em Londres á uma hora da tarde. O tetrico telegramma haveria sido forjado pelos jogadores da bolsa.

Novas e officiaes informações vieram, porém, confirmal-o.

Nem todos em Hespanha sabem pagar-nos com delicadeza pelo menos, o muito que em Portugal nos havemos interessado pela boa sorte das armas hespanholas. Mas isso que nos deve agora importar? Nem póde ser a Hespanha responsavel por meia duzia de opiniões. E' innegavel que esse dia de terça feira foi para nós de tristezas.

Os jornaes da manhã seguinte já nos contaram com muitos pormenores o tragico fim da esquadra de Cervera, que tantos dias perdeu em Cabo Verde, que afinal se foi metter na apertada bahia de Santiago, e de que hoje só restam vestigios quasi inapproveitaveis.

A esquadra hespanhola recebêra ordem para retirar-se do porto de Santiago.

Os navios levantaram ferro ás nove horas da manhã. As machinas, a toda a força puzeram os helices em movimento, e, attendendo-se á grande velocidade dos navios, com o sacrificio de alguns d'elles, haveria uma pequena probabilidade de que um ou outro conseguisse fugir até ao alto mar aos tiros americanos.

Passou-se a noite em preparativos. As tripulações estavam enthusiasmadas.

Abria a marcha o couraçado *Cristobal Colon*, seguindo-se-lhe a curtas distancias o *Almirante Oquendo*, o *Vizcaya* e o *Infanta Maria Tereza*. Atraz caminhavam os torpedeiros *Pluton* e *Furor*.

O signal de alarme foi dado pelo cruzador americano *Yowa* e, dentro de poucos minutos, iamlhes no alcance todos os mais cruzadores da esquadra inimiga.

Os navios de Cervera caminhavam muito chegados á terra e durante as primeiras milhas foram soccorridos pelos tiros do forte do Morro.

Era vivissimo o fogo da artilheria americana. Aproveitando-se da fumarada, os *destroyers Furor* e *Pluton* approximaram-se dos navios inimigos; foram, porém, descobertos, e dois tiros certeiros do *Corsair* metteram-os no fundo.

O *Cristobal Colon* começou a arder. Mettia agua por todos os lados. Apesar da desesperada situação bateu-se até á ultima contra trez couraçados americanos.

O *Oquendo* e o *Viscaya* eram quasi destruidos, quando encalharam a cinco milhas de Santiago.

Restava apenas o navio almirante. Levava sobre a tolda metade da tripulação morta pelas balas inimigas.

Cervera então rendeu-se e pediu para ser conduzido para bordo do *Glocester*, que era o navio que se achava mais proximo.

Foi recebido com todas as honras que lhe eram devidas. Disse-lhe o commandante, estendendolhe a mão:

— «Em meu nome e dos meus officiaes tenho a honra de felicital-o, senhor almirante, porque sustentou o mais valente combate que se ha visto no mar.»

Com Cervera foram feitos prisioneiros mil e trezentos hespanhoes.

Em terra uma resistencia heroica, no mar um desastre fatal, de que a Hespanha, segundo todas as probabilidades, nunca poderá levantar-se!

Em Cavite destruida a esquadra de Montojo, nas aguas de Santiago a de Cervera, a melhor que a Hespanha pudera reunir, a sua melhor, quasi unica esperança!

Mas porque sahiu o almirante hespanhol do porto onde se abrigára e onde as suas forças pareciam tão necessarias para defeza da praça?

São estas as perguntas que todos fazem; todos aventam hypotheses; mas até hoje ninguem soube dar uma resposta que satisfizesse.

A sahida dos couraçados deixou um ponto fraquissimo na defeza de Santiago. Pelo mar será agora facillimo aos americanos o apoderarem-se da cidade.

O sr. Auñon, ministro da marinha, fez os maiores elogios ao heroismo de Cervera e disse a alguns jornalistas que as tripulações dos navios haviam desembarcado em Santiago ajudando á defeza dos fortes, a pedido da auctoridade militar. Haviam desembarcado tambem alguns canhões, que foram desmontados dos navios. Os marinheiros tomaram parte nos ultimos combates, batendo-se como heroes.

Mas então porque sahiu Cervera, quando a sua presença na bahia mais necessaria se tornava?

Parece fóra de duvida que o governo hespanhol deu aquellas fataes ordens obedecendo á pressão sobre elle exercida pelo discurso de Romero Robledo, que tão commentado foi por toda a imprensa.

Mas parecia que os hespanhoes caminhavam para o suicidio!

Vem agora a proposito um dito heroico d'um portuguez, que foi um valente, como bom portuguez que era.

Ia no fim a batalha de Alcacer-Kibir. Um fidalgo encontrou El-rei D. Sebastião, quando tudo já estava perdido, e perguntou-lhe:

— Senhor, que nos resta fazer?

E El-rei respondeu-lhe:

— Morrer!

A isso a honra o obrigava.

E accrescentou:

— Morrer... Mas devagar!

O dever não póde nunca estar simplesmente, quando se trata de guerra, em saber morrer. É preciso que a morte sirva para alguma coisa.

No conselho de ministros, que se reuniu logo depois das noticias do ultimo desastre, foi deliberado que se não entrasse em negociações de paz, devendo a guerra continuar a todo o transe, emquanto houver um soldado hespanhol em Cuba.

Será a guerra uma conveniencia de partidos ou uma aspiração da Hespanha? O governo deve saber dar uma resposta a esta pergunta e, conforme ella for, sentirá um pungente remorso ou livre a sua consciencia.

A Hespanha luctou com honra até agora. Todos lhe aconselham a paz. Que motivos a levam a continuar uma campanha que nunca poderá deixar de lhe ser fatal?

O capricho do governo, se é capricho, pode facilmente tornar-se em crime, se um crime o não é já.

A exaltação dos espiritos parece ser grande em toda a Hespanha e, se o momento tem de chegar do ajuste de contas, antes já do que mais tarde.

Muito sangue tem corrido e erros sobre erros se teem amontoado. A continuação da guerra nas actuaes circumstancias de que poderá servir? Poucos navios restam á Hespanha, como quer ella continuar a lucta? Para que ha de ella perder mais vidas do que ha já perdido, mais territorio do que já fatalmente tem de perder?

Fala-se demais em honra, mas parece que nem todos sabem definir a palavra.

No capitulo XXIII do segundo livro dos *Reis* encontram-se os seguintes versiculos:

«Assim tambem antes tinham descido os tres, que eram os primeiros entre os trinta, e tinham vindo no tempo das messes ter com David á cova d'Odollão. E os Filistheus tinham o seu arraial no Valle dos Gigantes.

«E David estava n'um logar forte. E ao mesmo tempo havia em Belem uma guarnição de Filistheus.

«David pois teve desejos e disse: Oh! se algum me dera a beber agua da cisterna, que ha em Belem junto á porta!

«No mesmo ponto, estes tres valentes romperam pelo campo dos Filistheus e foram tirar agua á cisterna de Belem, que estava junto á porta e a trouxeram a David. Mas elle a não quiz beber, mas offereceu-a ao Senhor.

«Dizendo: — «Guarde-me o Senhor de que tal faça. Beberei eu o sangue d'estes homens que foram buscal-a, aventurando as suas vidas?» Não quiz pois bebêl-a.»

As vidas dos soldados são preciosas. Elles morrem com honra; mas quem os manda á morte póde ser menos honrado.

É um caso de consciencia. Só o futuro e, mais tarde, a historia poderão ser juizes insuspeitos.

A toda a hora se esperam noticias de novos combates em Santiago. A sorte favoreceu em terra a valentia das armas hespanholas; um maior arrojo d'um almirante fez pender o fiel da balança para o lado dos americanos. Não é só com o valor que se lucta na guerra. Outras e talvez maiores qualidades são precisas nos homens, e essas teem faltado aos hespanhoes e sobretudo aos homens do governo.

O exercito hespanhol voltará da campanha vencido, mas glorioso. Deus permitta que d'essa gloria participe a Hespanha inteira.

João da Camara.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE

«Mais estanças cantara esta Sirena
«Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
«Mas alembrou-lhe huma ira, que o condena,
«Postoque a fama sua o mundo cerque.
«O grande capitão, que o fado ordena
«Que com trabalhos gloria eterna merque,
«Mais ha de ser um brando companheiro
«Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

CAMÕES — *Lusiadas*, canto 10.º

A figura proeminente da historia portugueza é sem duvida alguma Affonso d'Albuquerque.

Nada faltou a este homem singular, que tornasse evidente perante o mundo a sinceridade da sua fé, o ardor intemerato da sua indole guerreira, a alta sciencia administrativa no governo dos povos, o respeito profundo ao seu rei e a dedicação incondicional á sua patria.

A vista do grande Albuquerque quasi nos parecem pygmeus outros portuguezes tambem illustres nas glorias nacionaes.

É que foi elle mais do que cada um dos contemporaneos heroe consummado em todas as espheras da actividade, e todas as boas qualidades reunidas dos seus companheiros não supportam nivelamento com os graus do seu merito e com os quilates da sua virtude.

O theatro em que se desenvolveram no seu esplendor maximo as faculdades geniaes d'Affonso d'Albuquerque foi o Oriente.

É ali, n'aquelles logares embalsamados d'aromas, n'aquellas paragens phantasticas que se retratam nas aguas de mares famosos e de rios sagrados, é nas Indias que Portugal ergueu o seu padrão inabalavel e deslumbrante, que ha de ensinar a todas as gerações humanas quanto póde o esforço viril de poucos no empenho generoso da civilisação geral.

É certo que o espirito ganancioso e a sordidez venal arrastou muita gente ás emprezas de aventura; mas ninguem poderá contestar com fundamento legitimo, que nós portuguezes tivessemos realisado no vasto Oriente a obra do baptismo inicial d'aquellas regiões para o progresso europeu e para a excellencia do Evangelho.

Affonso d'Albuquerque, contando já 50 annos de idade, largou do Tejo na sua primeira viagem para tão remotos paizes, aos 6 dias do mez d'abril de 1503. Levava sob o seu commando uma flotilha de tres navios, e tinha por destino dar cumprimento á ordem d'El-Rei D. Manuel, construindo uma fortaleza em Cochim.

Albuquerque, nascera em 1453, e ao tempo da sua sahida do porto de Lisboa na qualidade de chefe d'uma expedição, não era um obscuro; fizera-se conhecer em Arzila e na Italia, onde o levára em 1489, um auxilio ao soberano de Napoles.

Desempenhando a commissão que recebêra na metropole, regressou Albuquerque a Portugal em 1504, e, conforme narra um escriptor «foi admittido á presença de D. Manuel; e por este monarcha recebido benignamente. Em recompensa do seu serviço, recebeu quatrocentos arrateis d'aljophar; quarenta de perolas; oito com as proprias conchas em que nasce o aljophar, e a que chamamos madre-perola; um diamante taboleta do tamanho de uma fava grada; muitas joias de pedraria, e dois cavallos, sendo um arabico, e outro persiano.»

Logo em 1506, partiu de novo Albuquerque, para commettimentos de maior importancia. D'esta vez, seguio na frota do commando superior de Tristão da Cunha; e o feito que o aguardava, engrinaldaria de immortal renome a sua physionomia não manchada.

A esquadra em que iam semelhantes paladinos da obediencia, correu a costa oriental da Africa, desembarcou em varios pontos gente que soube castigar com firmeza indomita travessuras irritantes dos indigenas, e por fim, depois de possuida a ilha de Socotorá, separaram-se os dois capitães, dirigindo-se Albuquerque para Ormuz. Até então, embora os portuguezes houvessem revelado ao mundo a existencia do caminho maritimo para a India, tal facecia inopina significava pouca cousa no sentido objectivo da gentileza e na categoria dos progressos universaes.

Permanecer em tal estado equivaleria a nada ter conseguido, e a uma deserção apoucada e miserrima.

Hoje, casos identicos, classificam-se com a expressão graciosa de «ir a Roma e não vêr o papa.»

Não escapou o facto ao olhar penetrante d'Affonso d'Albuquerque, e apesar do arrôjo temerario que o enamorou, concebeu o projecto gigantesco do imperio portuguez.

Não recuou diante das difficuldades immensas a vencer, não se deixou assustar pelas possiveis contingencias do acaso, nem sequer o acobardou a extraordinaria magnitude do plano. A bandeira da patria era o unico estimulo nos seus passos, e a religião do Christianismo a unica luz da sua mente.

Abrigava no seu todo, o ardor militar d'um soldado heroico, e a convicção ardentissima d'um apostolo fervente.

Teria sido martyr voluntario da sua idea genial, como da palavra de Jesus fôram martyres na Egreja primitiva os neophytos christãos.

Tomada pois a sua resolução e seguro de si mesmo, caminhou na direcção do inverosimil e fez bracejar n'uma triade consummada os motivos solidos do seu conceito — Ormuz, Gôa e Malaca!

Só assim podia ficar realmente aberto á vida espiritual e ao commercio mundano, o encanto do Oriente.

Affonso d'Albuquerque não foi como tantos outros conquistadores celebres um espoliador insaciavel e sanguinario, empregava a força como ultimo recurso inadiavel e nunca se esquecia de orar diante da cruz ao Deus de seus paes.

São estes os florões brilhantissimos na corôa dos verdadeiros homens de bem.

Albuquerque não tinha caracter susceptivel de invejas mesquinhas nem era de molde a soffrer que o maleassem pela venda.

A sua capacidade excepcional para as grandes cousas, a sua presciencia do futuro, deram origem a ciumes maldictos que calaram no animo do successor de D. João II e mudaram n'um ingrato nojento o antigo duque de Beja.

Quando Affonso d'Albuquerque, conhecedor das intrigas que lhe moviam uns titeres de lama, foi quasi convidado a atraiçoar o seu paiz, acceitando soccorro e protecção da Persia, teve esta exclamação sublime, que mostra bem a grandeza da sua alma e a generosidade do seu interesse: «Louvado sejaes ó meu bom Deus! Mal com os homens por amor do rei; mal com o rei por amor dos homens!... Velho recolhe-te á igreja, pois assim convém á tua honra: e Albuquerque jámais soube faltar á observancia de suas leis imprescriptiveis».

Se a historia nos não tivesse transmittido melhor retrato do conquistador de Ormuz, de Gôa e de Malaca, n'estas palavras desataviadas ficaria imperecivel a representação moral do seu ser.

Albuquerque morreu a bordo, á vista de Gôa, não sendo estranha para elle a nomeação de quem o havia de substituir.

A sua ultima carta a D. Manuel está concebida nos termos seguintes: «Senhor! No momento em que estou escrevendo esta a Vossa Alteza, sinto quasi a desprender-se-me o ultimo élo da vida! N'esses vossos reinos hei eu um filho bem amado; peço a Vossa Alteza que mo torne grande, como merecem os serviços, que tenho prestado a esse vosso Estado: a elle ordeno que isto vos requeira da minha parte; e lho determino sob pena da minha benção. Quanto ás coisas destas partes, nada vos digo senhor: a India fallará por si e por mim.» Chegou o monarcha portuguez a reconhecer a verdade e a pretender emendar a leviandade do erro: não foi porém a tempo, por isso que a morte libertára da perfidia dos inimigos o portuguez mais distincto que ainda pisou o solo peninsular.

Foi sua escola a philosophia da isenção e a transcendencia moral do sentimento. Que a sua memoria possa incitar e servir de licção aos d'agora.

D. Francisco de Noronha.

AS NOSSAS GRAVURAS

A COMMISSÃO EXECUTIVA DO CENTENARIO

Seria imperdoavel o deixar de, n'uma pagina de honra do nosso periodico, publicar os retratos dos illustres membros que compõem a commissão executiva do centenario, quando ainda por muitos outros titulos lhes temos prestado essa homenagem. Composta por socios da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, da qual partiu a idea da celebração do descobrimento do caminho maritimo para a India, são seus presidente e primeiro e segundo secretarios os srs. conselheiros J. M. Ferreira do Amaral, commandante do *Adamastor*, Luciano Cordeiro, secretario perpetuo da Sociedade de Geographia, e Ernesto de Vasconcellos, engenheiro hydrographo, professor da escola naval e secretario, no corrente anno da Sociedade de Geographia. São tambem membros da commissão executiva os srs. José Martinho Guimarães, Sebastião de Magalhães Lima, Palermo de Faria, D. Luiz de Castro e Rodrigues da Costa.

Não temos a pretenção de esboçar aqui, e n'esta occasião, a biographia de cada um d'estes cavalheiros, todos bem conhecidos e illustres, tanto por muitas commissões de serviço publico, em cujo desempenho se distinguiram nobremente, como por seus dotes de espirito e caracter.

Quando n'uma epoca mais ou menos remota se procurarem os resultados da presente commemoração, sob os diversos pontos de vista, haverá que principiar por fazer justiça á grande energia que a commissão executiva demonstrou para levar a bom exito os seus esforços. Tambem não é ainda apropriado o ensejo para liquidar responsabilidades, e como antes do castigo vem o premio, bem hajam aquelles que mereceram justos louvores, porque na concessão d'elles se nobilitam mutuamente o paiz que os rende e os individuos que os recebem.

Os diversos concursos abertos entre os artistas e escriptores nacionaes são factos, que veem em primeira plana depôr quanto aos resultados da celebração centenaria. Os quadros historicos, os dramas commemorativos, o projecto de edificações operarias, a formosa taça Vasco da Gama, em prata, e tantos outros certamens promovidos pela patriotica commissão produziram obras de valor, que affirmam o grau da nossa cultura e das nossas aptidões. Ficarão como documentos do culto de um povo ás suas tradicções. Como nação colonial, pretende se que a celebração do centenario não teve proficuidade, mas pela maneira unanime como nas colonias portuguezas se celebrou a grande festa nacional, póde affirmar-se que os laços de amor á mãe patria se estreitaram em um novo amplexo mais vehemente.

E isto basta para elogio da illustre commissão executiva do centenario.

EXPOSIÇÃO D'ARTE

Conduzindo o rebanho, quadro de Silva Porto

É o quadro do mestre, um dos mais bellos que se destaca na exposição; é tambem um dos ultimos que elle pintou, talvez quando a morte já o andava requestando para o seu leito de somno eterno.

Com que saudade não levantamos os olhos para aquelle quadro, pastoril, simples, como a alma do artista; com que magua nos lembramos que Silva Porto, o pintor que melhor tem comprehendido e transportado para a tela, a paysagem do seu paiz, já não virá enriquecer com novos quadros, producto do seu talento, as exposições d'arte onde elle tanto brilhou!

Cedo subiram de valor os quadros d'este artista, porque cedo cahiu, da sua mão inane, a palheta que os produzia.

Conduzindo o rebanho e hoje uma tela preciosa, e figurando na Exposição d'Arte, com que o *Gremio Artistico* celebrou o Centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, honrou bizarramente a grande festa nacional.

GUERA HISPANO-AMERICANA

Os commandantes dos Transatlanticos «Affonso XIII» e «Montserrat»

Apresentamos hoje aos nossos leitores os retratos dos valentes e arrojados commandantes dos transatlanticos *Affonso XIII* e *Montserrat*, que conseguiram illudir o bloqueio de Cuba, desembarcar tropa e importante carregamento que levavam de munições de guerra e comestiveis.

Foi grande o enthusiasmo que produzio em Hespanha este acto de arrojo, que mostrou ao mesmo tempo a pericia dos dois commandantes, não sendo menor a admiração que despertou em em toda a parte, a sua noticia.

O commandante do *Affonso XIII* D. José Maria, de Gorordo e Icartúa, é um bravo marinheiro, nascido em Plencia (Vizcaya) em 1848, filho de D. Blas Mariano de Gorordo reputado capitão de marinha mercante. Aos dezassete annos de idade principiou a sua vida do mar, embarcando como praticante para as Antilhas, e aos vinte annos estava segundo piloto.

Antes de completar vinte e tres annos já era commandante da fragata *Pombo*. Em 1880 entrou para a empreza dos vapores de A. López y C.ª, hoje Companhia Transatlantica, assumindo em 1884, o commando do *Turia* e successivamente o commando dos *San Augustin, Habana, Isla de Luzon, Ciudad de Santander* e *Reina Maria Christina.*

Este valente e experimentado commandante é condecorado com a cruz de Merito Naval de primeira classe, distinctivo branco, e com a commenda de Isabel a Catholica.

O commandante do *Montserrat* D. Manuel Deschamps é outro arrojado lobo do mar, que desde muito novo tem navegado para as Antilhas, que conhece como poucos.

Quando se propoz fazer esta viagem, de que elle conhecia bem os perigos, protestou que não seria apresionado por nenhum navio *yankee*, porque antes meteria o seu navio a pique.

Não foi sem difficuldades grandes que conseguio entrar no porto de Cienfuegos, pois fortemente preseguido pela esquadra *yankee* de bloqueio, e debaixo de fogo teria certamente cahido com o *Montserrat* em poder do inimigo, se não fôra a sua muita pericia e conhecimento do mar e costa das Antilhas.

Os dois transatlanticos não só lograram chegar ao porto do seu destino, atravez de todos os perigos, mas voltar a salvamento aos portos de Hespanha, onde a sua chegada foi motivo de indescriptivel enthusiasmo.

O governo de Hespanha vae conferir-lhe a primeira distincção de marinha, e El Casino de Madrid resolveu offerecer-lhe as insignias da Cruz Roja del Merito Naval.

O RAMAYANA

POEMA SANSCRITO DE VALMIKI

(Concluido do n.º 702)

VI

O *Ramâyana* é uma d'essas obras complexas que a principio surprehendem como um monstro. Mas quando a mente, vencendo o assombro, faz penetrar a sua luz no mundo onde elle vive, com singular prestigio o monstro patenteia a belleza das suas formas, a exquisita perfeição dos seus membros.

Não poderiamos, nem seria empresa para a nossa inexperiencia, traduzir obra tão vasta, que consta de tão grande numero de versos. Desejosos porém de chamar a attenção dos nossos homens estudiosos para um livro que, por suas bellezas, preoccupa todos os sabios do mundo, e que é ainda agora a bem dizer uma novidade, vamos ensaiar a traducção de alguns dos trechos que gosam de mais fama entre os criticos.

Daçaratha, rei de Ayodhyia, pae de Râma, presa de mortal desgosto pela desapparição de seu filho, e sob o peso de uma antiga maldicção que lhe lançara um santo anachoreta, amanhece morto na cama. Extrema é a dôr de todos os cortezãos, profundamente sentidos os lamentos da familia Causalya, mãe de Râma, a mais querida das esposas do rei, entra em scena:

Causalya que o espirito contempla
Do rei, senhor da terra (trasladado
As regiões celestes, como fogo
Que no meio do seu luzir se apaga,
Qual rubro Sol que morre no occaso,
Qual mar tambem que a sua furia amaina),
Combatida de horriveis dissabores,
As já inertes plantas osculando
Do seu velho consorte, estas palavras
Do intimo do peito pronuncia:

«Oh! quão honesto foste e puro de alma,
Monarcha glorioso que te apartas
Do teu vital espirito; o destino
Nunca mais chorarás que coube a Râma.
A grande e acerba dor que tu padeces
Pela perda de um filho idolatrado,
A vida de improviso te arrebata,
E a mim egual favor me não concede!
E eu não posso soffrer deshonra tanta!

«Comtigo se mostrou a sorte justa,
Ó generoso rei! nobre em teus feitos,
Nobre em estirpe, em coração e em alma;
Sómente eu sou a vil, a impura, a fraca,
Que, sublime em amor, no mais indigna,
Vivo em vez de morrer, e me apresento
Deante da tua fronte sacrosanta.

E do pio Laksmano?... Mar de espumas
Foi a minha alegria, que o siroco,
Na sua ardente furia, destruiu.
Ai! que dôr pode haver egual á minha?
Em que peito ferida mais profunda?
Se ninguem tem soffrido como eu soffro,
Quem pode avaliar os meus tormentos?»

Quer na senda da sua excelsa gloria,
Quer na senda da sua pena amarga.
Da esposa cara é alma o caro esposo,
Vasto porto adonde ella encontra abrigo;
No olhar de Vischnu os dois se inspiram,
Mais que o céo é azul o seu amor!
E deixa Causalya, sem mais prantos,

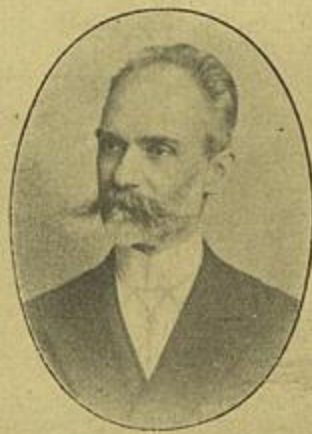
CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

Conselheiro Luciano Cordeiro

Conselheiro F. J. Ferreira do Amaral

Ernesto de Vasconcellos

Dr. Sebastião de Magalhães Lima

D. Luiz de Castro

José Martinho Guimarães

Palermo de Faria

Coronel Rodrigues da Costa

COMMISSÃO EXECUTIVA DOS FESTEJOS

Ah! mil vezes, ó rei! feliz a morte
Que por tão justas causas padeceste!
A minha vida agora só merece
Abhorrecida ser e desprezada.
. . . .

«Ó monarcha justissimo e glorioso!
De desgraçados sempre compassivo,
Protege-me ora a mim, do céo cahida
N'um pelago infinito de amarguras.
Que foi feito de Râma, o braço forte?

. . . .

Causalya prostrada assim suspira,
Emtanto que Vasistha, o sacerdote,
Lhe mitiga o pesar com voz suave,
Como do cysne o vôo sobre o lago.

. . . .

«Feliz, ó tu! senhora generosa,
Fiel ao teu esposo tão amado,
A quem a tua fé pura acompanha,

Que Ayodhyia, submersa em seus cuidados,
Se mude em noite lobrega cerrada,
Como noiva que chora o seu amante.
N'ella correm os homens pelas ruas,
Compungidos, sem fé, desesperados;
E o sibilar dos ventos que se agitam
É o vasto sepulcro em que se afoga
Seu copioso pranto.

. . . .

O tenebroso céo, do sol privado,

Da noite escura o negro manto extende,
E á cidade que o seu monarcha chora,
Seus doces raios nega a doce lua.»

. . . .

Por estes trechos poderá o leitor formar uma leve idéa da delicadeza e do alcance da poesia ramayanica, que, sem a menor duvida, marca uma das epocas mais brilhantes nos annaes da historia litteraria da India.

VII

A litteratura sanscrita começa com os Vedas, recivel na litteratura sanscrita E como não, se o grande poeta na grande tela das suas creações pintou com vivissimas cores toda a historia da India, todos os costumes, todas as epopéas, todas as epocas d'essas innumeraveis gerações, ante cuja antiguidade caem prostradas as intelligencias que intentam estudal-as?

O *Ramâyana*, para os eruditos que querem emprehender o estudo da litteratura sanscrita, é como o pharol que no meio dos mares indica ao nauta a rota que deve seguir.

No artigo anterior estabelecemos a semelhança que o poema sanscrito tem com as creações de Milton e de Ossian, e com as epopéas de Vergilio e de Homero. Os nossos assertos iam acom-

O espirito de Vischnu não cessa um momento de acompanhar em todos os recontros os invasores: illumina o seu povo, guia-o, alimenta-o e encaminha-o ás victorias.

Na *Biblia*, basta-nos relancear os olhos por qualquer dos seus cantos para vermos o espirito de Deus encarnado completamente no seu povo, desempenhando o mesmo papel que Vischnu desempenha nas brilhantes creações do poeta sanscrito.

Darmos mais latitude ao difficil estudo do grande poema hindu, não nos é possivel por agora, porque não temos forças para isso, e porque não queremos penetrar n'esse vasto campo para pormenorizal-o por inteiro, mas apenas bosquejar o conjuncto de bellezas que elle offerece aos olhos

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

EXPOSIÇÃO D'ARTE — Condusindo o rebanho — *Quadro do fallecido professor Silva Porto*

livros sagrados dos indios, e divide-se em dois periodos notaveis:

O primeiro distingue-se pela elaboração dos grandes poemas epicos, onde se acham traçadas admiravelmente as gloriosas epopéas d'aquellas regiões. A este periodo pertence o *Ramâyana*.

O segundo periodo abandona em parte as recitações heroicas e faz discorrer a musa inspirada da poesia hindu nas notas singellas, mas profundas, dos seus cantos nacionaes, dos seus costumes, da sua vida social.

Kalidasa, poeta do I ou II seculo da nossa era, cria varios poemas e dramas, entre os quaes *Sakuntala*, *Urvaci*, *Raghuvansa*, *Kumarasambhava*, inspirado pelo genio de Valmiki; todas as concepções que se seguem, estão cheias de reminiscencias ramayanicas, de motivos d'aquellas profundas melodias.

Nenhuma duvida, pois, de que Valmiki e as suas obras constituem uma epoca notavel e impe-

panhados de exemplos que o leitor terá podido estudar, e com os quaes buscavamos comprovar a nossa opinião.

É singular: o *Ramâyana*, por qualquer lado que se estude, offerece sempre prismas lucidos onde se reflectem não só as obras com as quaes lhe temos achado semelhança, mas ainda muitas outras; e basta um poucochinho de paciencia para, a pouco e pouco, se ir tirando d'essas comparações uma analogia particular.

A *Biblia*, especialmente o *Livro dos Reis* e o *Livro de Esdras*, acha-se cheio da tinta ramayanica, e tanto que não titubeamos em affirmar que o *Ramâyana* é para a India o que a *Biblia* é para o povo judeu.

Que é o *Ramâyana*? A lucta exterminadora das raças de Ayodhyia contra os barbaros de Ceylão e das costas do Sul: a lucta do principio do bem contra o principio do mal, a guerra emfim dos povos oppostos em costumes, em usos e em religiões.

profanos que, como nós, mal tentaram uma leitura da obra.

Vamos pois continuar a dar conhecimento ao leitor de diversos trechos, cuja traducção iremos ensaiando, diligenciando cingir-nos quanto possivel ao texto original, e confrontando o nosso trabalho com as versões de Gorresio e Fauche.

No seguinte trecho, que faz parte do livro *Adicanda*, descreve Valmiki a antiga cidade de Ayodhyia, patria da gloriosa estirpe de monarchas a que pertencia Râma, o heroe do poema.

. . . .

Do Sarayon nas margens verdejantes,
Larga, uberrima terra se dilata,
Que se chama Kançala, poderosa,
Repleta de magnificas riquezas;
Ergue Ayodhyia alli altiva a fronte
Ao rutilante solio das estrellas,
Logar onde Manu, que fez o mundo,

Sua primeira pedra pôs um tempo.
Venturosa a cidade o collo extende,
E avassalla de campos grande espaço,
Guarnecida de ricos monumentos,
De praças e de regias fortalezas.
Daçaratha, o feliz, monarcha illustre,
A cidade governa cuidadoso,
Como Indra rege o grande Amaravati,
Sempiterna mansão de immensa gloria.
Egual a um Deus, radiante em majestade,
O olhar tendo das aguias altaneiras,
Querido é do seu povo, que se ufana
De vêl-o com a justiça unir a força.
Sob as regias arcadas de Ayodhyia
As caravanas deixam as riquezas,
E alli em grande confusão se agitam
Carros mil, que rodando vão ligeiros
Puxados por corceis de largo folego,
Na carreira mais rapidos que as frechas.
Por toda a parte escudos e armas luzem,
Não cessa o movimento um só instante:
Aqui um bando de elephantes passa,
De guerreiros alli um troço chega,
E o grito que levantam de victoria
Nos cérulos espaços estrondeia.
. . . .
Vagueiam nos jardins, por outro lado,
Ataviadas as timidas donzellas,
E nas nascentes de aguas crystallinas
Seus corpos formosissimos refrescam.
A gran cidade, em seu esplendor raiando,
Lembra o ponto da esphera luminosa
Onde Vischnu levanta seus reinados
E da bella Lakchmé a voz impera.
. . . .

Vê-se pelo exemplo anterior que Valmiki possuia o talento descriptivo. Na traducção, por mais esforços que fizemos, não nos foi possivel trasladar, como é natural, o brilhantismo, a espontaneidade de que o original deve achar-se animado.

Na pintura da cidade de Avodhyia ha uma riqueza de pormenores, um colorido, que surprehendem. O leitor vê, com effeito, agitar-se no meio das vertentes do Sarayon a grande metropole da progenie de Râma governada por seu pae, Daçáratha.

Sob as impressões que deixa a leitura do *Ramâyana*, apresentam-se reaes aquelles sitios opulentos, aonde acudiam de toda a parte, atravessando as regiões do continente, innumeras pessoas carregadas com os riquissimos productos das suas terras, que iam depositar em Ayodhyia, centro eminentemente commercial em que todas essas mercadorias se concentravam para se espalharem depois pelo mundo, seguindo as correntes do Indo e Ganges, sahindo ao mar, e atravessando a Asia Menor e a Europa até Roma e outras grandes cidades do Mediterraneo. (Heeren. *Idéas acerca do commercio dos povos antigos.)*

As suas magnificas praças eram rodeadas pelas soberbas arcarias de sumptuosos palacios. O solo era regado por innumeraveis fontes; e no meio d'aquella immensa civilização agitava-se um povo feliz, culto, bravo e industrial.

Não é de extranhar, pois, que d'aquellas regiões privilegiadas surgisse, como surgiu, inspirado por tanta grandeza, o genio de Valmiki. As grandes epocas da humanidade teem sempre genios que lhes immortalizam a existencia e as fazem viver de geração em geração, diffundindo-lhes o nome por todos os ambitos do mundo.

Veja-se agora no livro de *Aranycanda* o combate de Râvana, o rei da odiada raça dos Rakchasas, com Gatâyus, valoroso caudilho dos exercitos de Râma.

. . . .
O barbaro Rakchaso ouvindo attonito
De Gatâyus o repto eloquentissimo,
Despediu das pupillas tenebrosas
De rubras chammas raios fulminantes.
Levantando iracundo a forte lança
O caudilho assaltou com grão denodo.
Defrontam-se ambos quaes pesadas nuvens
Que nos céos tormentosos se entrechocam.
Como serpes se enlaçam destemidos,
Nos braços apertando os altos collos;
Fervente espuma pela bocca lançam,
E treme o solo oppresso no combate.
Liberta-se Gatâyus de improviso
Do seu imigo com heroico esforço,
E d'esta arte, cobrando novas forças,
Cai sobre elle qual cerro que desaba.
Soffre Râvana o embate furibundo;
Ao peso formidando a espadua cede;
E o seu valente e intrepido adversario
Com as unhas lhe rasga o largo peito.
Em fartos borbotões o sangue jorra
Do corpo do vencido, que no solo,
Entre o musgo, se extorce enraivecido,
Como sendo de um raio fulminado.
. . . .
Já sem carro, com o arco espedaçado,
E mortos egualmente os seus dois potros,
No campo fica Râvana vencido.
Celebra-se em festejos o triumpho,
As creanças a Vischnu elevam preces,
E o jubilo é geral...

Que trecho se pode apresentar mais animado que o que se acaba de ler?

A poesia que n'elle palpita é da mais original e primitiva. Que comparação mais bella que a que o poeta faz quando os guerreiros se acommettem? «Come lo scontrarsi in cielo di due nuvole spinte dal vento,» traduz Gorresio.

N'este combate estão representados todos os combates dos heroes da epopéa homerica, todos os heroes das epocas primitivas que animam os poemas epicos da antiguidade. Onde se pode encontrar um modelo de poesia primitiva mais acabado que o combate de Ravâna e Gatâyus?

D'esta classe de quadros está cheio o *Ramâyana*. A descripção dos combates da gente de Râma com os Rakchasas offerece ao leitor, a cada passo, trechos de egual valor.

A musa do vate sanscrito corre toda a escala das paixões humanas. A batalha, as luctas, como se tem visto, recebem da sua inspirada phantasia o colorido da verdade. A raiva tem nos seus versos o mais feliz interprete. Quanto ao amor, nada mais bello, nada mais simples e eloquente. Os lamentos de Causalya pela ausencia de Laksmano que, com sua esposa Videhesa, deixa o reino para ir á procura do seu irmão Râma, são a ultima expressão das ternuras humanas. Não ha linguagem digna de representar as creações do immortal cantor do *Ramâyana*.

«Mais que ao meu Râma, choro o meu Laksmano
Que, levado do affecto, diligente
Parte em busca do irmão, assim deixando
A desditosa mãe ao abandono.
Penso em Videhesa, a esposa inegualavel,
Gentil filha de Gânaça, o magnanimo,
Que, ingenua e moça ainda, a toda a parte
O esposo idolatrado segue sempre.
Entre gosos innumeros nascida,
Entre infindas caricias educada,
Deixa amigos, parentes, patrios lares,
Com elle, montes, valles, percorrendo.
Ai! como poderá flor tão sensivel
Resistir á friagem das colladas,
A neve das alturas, e ao açoute
Dos ventos desatados em braveza?
E como pousarão na selva Sita
Aquellas tão mimosas, finas plantas?
E quem lhe acalmará tantas fadigas,
Aonde encontrará algum descanso?
Acostumada só a sustentar-se
Com manjares de gosto delicado,
A negra fome aplacará com as hervas
Que aos leopardos servem de alimento.
Ella, que no aureo thalamo, entre flores,
Alegre e sem cuidados repousava,
O corpo extenderá no duro solo
De asperas selvas, rijas penedias.
Como hão de os membros seus enfraquecidos
As vestes supportar rasgadas, sujas,
Ella que já usou famosas telas,
Mais brilhantes que a luz do sol brilhante?
. . . .
Quando voltarem, vel-os-hei com Râma,
Cujo casco pesado e reluzente
Brilhará em Ayodhyia, como brilha
Lá nos céos o pharol da lua argentea.»

Muitas outras passagens desejariamos publicar, para darmos a conhecer bem a sublimidade de que é dotada a obra de Valmiki; as nossas occupações, porém, tal não permittem por agora. Talvez um dia, se o tempo nos não escassear e a saude nos não trahir, tornemos a apresentar traducções dos cantos que nos pareçam chamar mais a attenção pelo seu valor litterario, pela sua originalidade, pela sua profunda philosophia.

O *Ramâyana*, pelas excellencias que contem, está destinado a figurar ao lado dos primeiros poemas epicos da antiguidade, que immortalizaram a Grecia, e são agora no mundo litterario os modelos onde se fundem todas as creações do espirito humano.

Francisco de Almeida.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA

III

Podera! Ainda que o autôr nol-o não afirmasse, bem adivinhavamos que amôr presidiu a essa *ardencia* do poema!

Entre vários animaes da creação não é raro vêr mães, que esmagam os filhos á fôrça do afecto, desenvolvido na compressão nervosa, com que os abraçam, segundo os naturalistas.

A exaltação do amôr e da ardencia da inspiração, que em cada canto do poêma se revela, como explodindo rápida, de um só jacto, fôram os motôres, que lhe reduziram o alargamento, a que a robusta aptidão de Pereira da Cunha podia dar vastíssimos horisontes.

O seu organismo de peninsular, encarnado no amante hespanhol da formosa môira, a Lindaraxa dos paços de Granada, combustionou-se, ao tocar nos pontos capitaes, delirante e apaixonadamente, deixando somente atraz de si as faulhas de ôiro, que chisparam do seu genio creadôr.

D'essas simples faulhas brotou o poema, que, apesar de tudo, pâra nosso gôsto e a nosso vêr, é a obra versificada de melhor género e a mais scintillante de tódas as publicações feitas a algum tempo a esta parte, obra, que ha de ficar, embora desconhecida dos louvaminheiros públicos, porque um bom livro, tarde ou cêdo, vem a conquistar pela voz dos estudiosos, o lugar, a que tem direito.

IV

O poema, embora os não marque, como era de esperar, consta de seis cantos, desiguaes na extensão e na rima variada, que é a forma melhor e mais atraente de compôr os poemas modernos.

A simples dedicatória — *A meus filhos* — representa a transmissão do tributo, que o pae do autôr lhe deixou na oferenda do seu último livro de versos; representa um legado enternecedôr de família.

O primeiro canto — *A Espanha Arabe* — é a ampla e vistosa portada do rendilhado edificio; descreve em castigados versos alexandrinos, como o pede o assumpto, alternados de rimas agudas e esdrúxulas, o dominio dos árabes e a conquista dos reis cathólicos, a que resistia Granada.

Da Hespanha ao meio, em pé, o throno audaz dos arabes
Levantava-se ovante e ornado de laureis:
Por toldo... um ceu azul, por base.. trinta léguas
E em tôrno duas mil aldeias infieis.
. . . .
E crescia e medrava As rúmuras vergonteas
Que lançava ao chegar o quente mez de abril.
Chamavâm se Sevilha e Cadiz, Murcia e Cordova,
Alicante e Granada, a moira do Xenil.

Beijava lhe a raiz o mar Mediterraneo,
Perfumavam-lhe a fronde as virações do sul;
Serviam-lhe de encosto os eriçados pincaros
Da montanha de Elvira e as cristas do Padul.
. . . .
Dom Fernando terceiro aponta lhe o montante:
Fundo golpe lhe abriu golpe de lidador!
Alah voltou a face afflicta e lacrimante,
E Sevilha curvou-se á cruz e ao vencedôr.
. . . .
Só restava Granada, e rubro, qual scentelha,
Um vaso collossal a circumdar lhe o pé.
Esse vaso éra a Alhambra, a *Cidade Vermelha*,
O sonho do Profeta, o relicario, a fé.

Nêste valente dizêr, sente-se a tuba épica dos tempos heroicos; ajuize-se por esta amostra que qualidade de versos têmos que esperar do poeta, no decorrêr da sua obra.

*
* *

No segundo canto, *A Alhambra*, mais extenso e variado na versificação, que apresenta as principaes dificuldades de um paciente metrificadôr, canta-se o edificio com as suas maravilhas interiôres.

De Mahomet *el Mir*, a filha predilecta
Em deredor estira os braços de granito,
Como que procurando a sombra do Profeta,
Entre a serra nevada e o alcáçar do Infinito.

Lá dentro os seus jardins, e fontes e alabastros,
Com segredos de amor, e sombras, e verdura,
Em brilhante espiral arremessando aos astros
Aromas de rosaes e jorros de agua pura.

Estas duas quadras, por si sós, encerram a

síntese duma descripção inteira. Continuêmos porêm:

Alem, via-se o *Alberca*, o páteo dos viveiros
De rosas carmezins e peixes peregrinos;
Embalsamava o ar o aroma dos canteiros.
Refrescavam lhe o solo os tanques cristalinos.
. . . .
Ao fundo os alcantis dos rudes Alpujarras
Marcavam do Profeta a amplissima baliza:
Deste lado o islamismo, a Alhambra e as cimitarras,
Do outro, o ardente olhar dos netos de Witiza!

De um lado a Alhambra e do outro as hostes de Fernando e Isabel, que a assediavam, havia mêzes.

Os infieis tremem no seu reducto.

Da Alhambra nas salas rúbidas
A côrte passêa inquieta,
E, ao longe, a vista discreta
Fita com pasmo e rancôr.
As huris, em jardins mágicos,
Como leves mariposas,
Pululam por entre as rosas,
Suas irmãs no frescor.

Continúa a narrativa, respeitante a mouros e christãos.

Desaba o mourisco imperio,
Falta Granada sómente
Granada, que sempre crente,
Sorri da agua lustral;
Que estremece á voz cathólica,
Como a palmeira do Egipto
Estremece, ouvindo o grito,
Que ergue o vento no areal.
. . . .

Juram todos pela hostia,
Em *Santa Fé* consagrada,
Que, na veiga de Granada,
Ou vencem ou morrerão;
As tendas, as ambulancias
Cobrem o solo do moiro,
Ergue se o estandárte de oiro
De Castella e de Aragão.

Entretanto Lindaraxa, a deslumbrante amada do pobre Boabdil, enamorada de D. Cesar de Padilla, um dos capitães christãos, só cura dos seus amôres, e corre a avistar-se com o mancêbo hespanhol de sôbre os muros fortificados do magnificente edificio.

Súbito, a Alhambra illumina se.
Numa ventana assentada
Mulher, anjo, talvêz fada,
Despontou, gentil visão!
Volve os olhos formosissimos,
Como se alguem procurasse,
E encosta a morena face
No rendilhado balcão.

E viu alguem, e manda-lhe beijos na ponta dos dêdos, e apressa-se a ir ouvir as homenagens de um dos inimigos de Granada, prestes a desabar!

O' moira esquiva e formosa,
Que vejo a luz do luar,
Conta a história fabulosa
De Granada, teu solar.

Pede lhe o namorado môço, oculto pela sombra da muralha. E ella, desferindo o arabil, á luz de uma purissima nôite, em tom dolente e apaixonado, entra de cantar:

Quando eu era creança e, á noite, assim que a lua
Vinha alegre a surgir detraz daquella *serra*
Que se chama Nevada,
Minha mãe me beijava, e, para adormecer-me,
Passava a sua mão nos meus cabellos negros
E contava me assim a *Historia de Granada*:
. . . .

A lenda tôda contada em redondilha, alternada com rimas graves e agudas, é um quadro de execução admiravel pela verdade e pelo colorido; é sosinha um poeméto, de que mal podêmos dar idêa.

Do valle ao fundo, inclinada
No seu berço de paues
Dormia a gentil Granada,
A moira de olhos azues.

E ao vel a dormindo disse,
Com meiga voz Mahomet:
— Desponta o dia e sorri-se...
Surge, Granada, de pé!
. . . .

Desperta! Fui eu que um dia,
Por toldar o brilho á cruz,
Transformei a Andaluzia
Num paraizo de luz.

Fui eu que a serra *Nevada*
Cobri de branco albernoz,
E a esta terra abençoada
Dei lirios, perfume e voz.

E tudo isto, creança,
O fiz por amor de ti:
Ahi tens a paterna herança!
Vim trazer t'a eu mesmo aqui.
. . . .

Nisto, uma perola, solta
Do seu turbante real,
Se desprende e cae revolta
Sobre uma rosa do val.

No lugar, onde caiu a joia, surgiu miraculosamente Alhambra, como nos contos orientaes.

Chamas-te a Alhambra! Cem annos
Em torno a ti volverão,
Até que uns sceptros tiranos
Venham quebrar te o condão.

Terminada a canção, a môira corre a ventana apressadamente, e desaparece, deixando Padilla deslumbrado, de braços estendidos pâra a encantada muralha, duvidôso, aflicto. Por fim, tira o capacête a vêr se a aragem lhe suavisa a ardencia do cérebro e dirige-se sequiôso a uma fonte proxima.

Oh! dita! Junto da fonte cae um papel perfumado, que lhe marca uma entrevista nos jardins da linda môira.

Sim! irei—disse então—seja embora cilada.
Um soldado hespanhol receia a Deus somente.»
E apertando no cinto a triumphante espada.
Encaminhou-se audaz ás terras do crescente

E aqui termina a segunda parte, tão engenhosa como finamente dedilhada, um largo trêcho, onde a observação rigorosa da lenda local se casa nobremente ao estado psicológico das personagens, que nella figuram.

Sanches de Frias.

(Continua)

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

—

(Continuado do numero anterior)

XVIII

Para o campo!

A manhã estava deveras formosa: fulgia o sól e, de quando em quando, uma aragem tibia vinha acariciar as ervasinhas do prado; a carruagem rodava sem obstaculos pela estrada; o cocheiro, um patusco assaz jovial, ia sempre a conversar com os cavállos, um dos quaes o escutava de orelha arrebitada, em quanto que o outro, de tempos a tempos, rinchava.

Não era possivel viajar em melhores condições, e sem embargo, o doutor Roque não ia satisfeito: agitava-se no trem, inclinava-se para espreitar por debaixo da manta de viagem que lhe resguardava as pernas, como se desse pela falta de alguma coisa, e quando lh'o perguntavam, regougava por entre os dentes, sem saber dizer o que é que lhe faltava. Faltavam-lhe o Romulo e o Joaquim, os quaes, por estupida impaciencia, se haviam posto a caminho uma hora antes, em vez de esperarem pelo dr. Roque.

Tranquilina escutava a tagarelice do cocheiro e seguia com a vista um bando de passáros que precedia a carruagem, voando de amoreira em amoreira.

Amalia pensava.

— Que diabo terá esse cavallo que não faz senão rinchar? — perguntou o doutor Roque.

— O *Malhado?* — Vae-se a rir — respondeu o cocheiro, virando-se para traz, um pouco.

E o dr. Roque, posto não tivesse a minima vontade de o fazer, riu tambem, que remedio!

Quando acordou das suas meditações, a Amalia tornou-se communicativa; indagava os nomes dos logarejos, proximos ou distantes, e o cocheiro, voltando-se na almofada, ia lh'os dizendo: colhia informações ácerca do amanho dos campos, e achava deliciosos as colinas e os oiteiros, comparados com as planicies tão chatas e tão monotonas que iam ficando para traz.

Se um passarinho vinha pousar nas sêbes da estrada, observava-lhe, calláda, os movimentos até que, ao aproximar-se da carruagem, a ave campesina, menos atrevida do que as suas congeneres domiciliadas em Milão, ia acoitar-se entre os ramos nús de uma amoreira.

E a Amelia sentia dentro em si sensações novas e aladas que a impelliam a voar. Pela primeira vez na sua vida compreendia quanto é poetico abandonar-mo-nos aos nossos pensamentos, ao mesmo tempo, porém, e por habito arreigado, pensava:

«A poesia deve ser isto; deixar que nos venham as ideias e sentimentos e abrir a mente e o coração para os receber das mãos da natureza; ao contrario da philosophia, que corre apoz uma ideia fugitiva, de um sentimento occulto para o obrigar a descobrir-se.»

E de golpe, sem mais explicações, communicava á mãe que, «se a philosophia é mais valiosa, a poesia é, sem duvida alguma, mais bella.»

Tranquilina dizia que sim com a cabeça, e o doutor Roque, impaciente de chegar, sapateava debaixo da manta e trauteava entre dentes, de modo que só elle era capaz de entender, certas coplas marciaes que, ao cabo de trinta annos de silencio, lhe despertavam inteirinhas e verdadeiras, na memoria, em toda a sua érotica e selvatica lindeza.

Do Frederico, ninguem se lembrava, porque o dia estava sereno, o campo innundado de sol, o ceu diaphano, e os contornos distinctos dos nevados Alpes, rosados como os pensamentos e as faces da donzella.

De repente, porém, n'uma volta da estrada, o *Malhado* riu a seu modo e sem o minimo motivo, se bem que o cocheiro tivesse annunciado aos viajantes que não tardariam a ver o lago de Pusiano, e a Amalia, inclinando-se, viu, um pouco na dianteira, uma carruagemsinha a descer que nem uma seta pela ladeira abaixo.

— Como é que nos alcançámos aquelle trem, que vae que nem um raio, sem o termos visto até agora?

O cocheiro, que de bom grado houvera attribuido aos proprios merecimentos successo tanto para admirar: — isto é, a si, primeiro, e depois, aos cavallos — não esteve para dar explicações; porém, a um novo relinchar do *Malhado*, declarou:

— Não que aquella carruagem leva uma egua aos varaes; e é por isso que o *Malhado* vae a rinchar.

— Mas como o soube o *Malhado?* — perguntou a joven.

Façamos justiça a uma personagem, que não tornarêmos talvez a vêr nunca mais, áquelle cocheiro judicioso e sensáto que, quando outro, em identicas circumstancias, teria desatado a rir, deu um estalido com a lingua, e não respondeu palavra.

Em breves momentos a carruagem attingiu ao fundo da encosta, e foi costeando as margens do lago.

— Ai! tão bonito! — exclama Amalia, e ntretanto o doutor Roque, fazendo das mãos uma pála, abrigava os olhos, e dizia:

— Lá estão elles!

— Elles, quem?

— O Romulo e o Joaquim.

Eram elles, com effeito; o tremsinho parava e seguia depois a passo, e os dous amigos alli estavam immoveis, á beira da estrada.

Assim vistos, a distancia, nem por isso exagerava muito o doutor Roque dizendo que pareciam dois postes, um muito curto e outro alto demais, espetados, por engano, demasiado juntos.

N'este comenos, voltou-se o Joaquim e expediu um oh! enorme que atravessou o espaço. O Romulo voltou-se tambem e olhou, mas não dava credito aos proprios olhos, no que tinha razão de sobejo, pois era myope e não encontrava a luneta — porfim prorompeu tambem, com um oh!

Poucos momentos depois os cinco viajantes estavam todos juntos na estrada, e a carruagem seguia a passo:

— Pois é possivel! Por cá, tambem!?

— Caprichos da Amalia — replicou o doutor; viemos ver as escavações.

— Capricho! — suspirou, melancolico, o Romulo. — Queira Deus que ainda cheguêmos a tempo.

Amália não podia supportar equivocos.

— Escreveste ao engenheiro? — perguntou ella ao pae.

— Então não havia de escrever!

Romulo compreendeu e deixou pender a cabeça sobre o peito.

Parámos aqui — disse o Joaquim — para tomar um atalho.

E apontava para uma azinhaga.

Chegaram tarde!

— Tivemos uma viagem desgraçada. — afirmou o Joaquim — logo ao principio a egua perdeu uma ferradura: depois a vontade de andar; ou

entrava a correr ás guinadas como se tivesse receio de não chegar a tempo, ora estacava no meio do caminho, como quem diz: «E' escusado; a estas horas já lá vae.»

Caminhavam, silenciosos; reappareciam as lembranças do Frederico com o seu cortejo todo de ideias sombrias; o Joaquim e o Romulo, que haviam tomado pelo carreirinho a passo precipitado, a uma volta de improviso, estacaram; — divisava-se a casa.

Seguiram juntos, sempre silenciosos e de cabeça baixa.

Ao ver uma camponeza que apontou ao caminho, a passo accelerado, o Romulo pensou: «Succedeu agora mesmo a desgraça e aquella rapariga vae chamar o medico do logar.» E quando a camponeza andou para diante, depois de os comprimentar sorrindo, a alegria que veiu alumiar os semblantes de todos claramente dizia que cada um de per si havia pensado o mesmo que pensâra o Romulo.

Encontraram um lavrador já idôso, o qual, em um campo cultivado a modo de alfôbre, plantava hortaliças e nem sequer ergueu a cabeça.

E cada um disse comsigo que, visto aquelle lavrador estar tão socegado da sua vida, certo era que o Frederico não se havia matado ainda.

Aberto o coração á confiança, entraram as consolações todas; a do passarinho, que voava ao encontro dos viajantes e saltitava pelo atalho, nem que fôra um diminuto mestre de ceremonias; a do melro que sahia de uma boiça e traçava no ar um sulco negro, apagado no mesmo instante; a do céu azul e a da colina banhada pelo sol.

E quando, ao sahir do atalho, com uns restos de sobresalto, a comitiva parou um pouco, á espera e, no centro da laméda que ia dár á casa, distinguiu tres pessoas, de costas, que passeavam indifferentes, e na do meio, pela estatura, pelo andar, e pela cor dos cabellos e do vestuario, todos reconheceram o Frederico; tudo aquillo lhes pareceu tão natural, uqe o doutor Roque poude dizer «que bem dizia elle», posto que, até áquelle instante, nada tivesse dito.

Romulo e Joaquim davam-lhe razão, que éra um gôsto:

Sim, sim, é verdade: bem o dizia o senhor; e disse-o sempre; sômos dois fedêlhos sem tino — mas que alegrão!

Os tres que passeavam pela lameda, quando chegaram ao fim, voltaram-se. o Frederico distinguiu de longe os visitantes, separou-se dos companheiros, deitou a correr, e depois aproximou-se, a passo.

— Sômos nós! — gritou o doutor Roque.

— Nós em pessoa! — exclamaram Romulo e Joaquim.

— Que milagre! — exclamou o Frederico, e antes de receber nos braços aos amigos, estendeu a mão á senhora Tranquilina e tomou a da Amalia que, d'esta vez, consentiu que a tomasse.

Examinava cada qual a phisionomia do arruinado com temor de lêr n'ella alguma diabrura; o Frederico, sereno como nunca, não fez a minima allusão á propria ruina.

Apresentou depois aos seus hospedes os dois que o acompanhavam no passeio pela lamêda; um, éra o seu administrador, o outro um individuo que cheirava a crédor a cem leguas.

Apesar d'isso tudo, o Joaquim não estva tranquillo, e quando assim o manifestou ao Romulo, este retorquiu: «nem eu tão pouco.»

E sem embargo, que mais podia fazer o Frederico afim de tranquilisar os seus amigos um tanto receiosos? Não sabia mostrar-se mais despreoccupado, nem offerecer de melhor talante o braço á senhora, caminhando na dianteira a conversar, e de repente parar para disfrutarem um bonito ponto de vista; e éra impossivel, ou pelo menos, extraordinariamente difficil, gracejar com mais desassombro á propria custa, no acto de lhe chamar a attenção para tres enormes cóvas, nas quaes a enxada e a pá em vão haviam buscado o famoso thesouro. Que mais podia elle fazer? «Um pouco menos» ter-lhe-hia respondido o Joaquim, e o Romulo, suspirando, teria accrescentado: «Faz demais!»

— Ora vejam... vejam... dizia o arruinado — esta é a primeira cóva; a mais funda, naturalmente... porque, antes de nos resolvermos a abandonal-a, esperava que o lago nos enviasse uma embaixada, a pedir que o deixassemos...

E indicava um enorme burâco no fundo do qual se distinguia um charco de agua, estagnada.

— Bonito trabalho! — exclamou a Amalia muito séria.

O Frederico olhou para ella, riu-se e fêl-a rir.

— Não foi de todo inutil — acrescentou lógo; — tenciono aproveital-os para uma pôça que me ha de servir para regar o jardim.

— Ah! sim? — disse o doutor Roque, e foi o unico que bem ou mal respondeu alguma coisa; os demais permaneciam calados.

— Esta aqui é a segunda cóva, onde, como poderão ver, perdemos mais depressa a paciencia. Inda assim, um *bonito trabalho*, pois não acha, minha senhora?

— De certo — respondeu a Amalia, que d'esta vez apenas se riu: — tenciona fazer outra pôça?

— Está claro: só para a minha horta. ... Venham d'ahi: aqui está a terceira cóva; o thesouro está em uma das esquinas da casa, mas como a casa tem quatro, infelizmente ..

— Deviam fallar mais claro os pergaminhos — observou a Amalia. — E ainda não encontraram nada?

— Oh! muita coisa! Uma duzia de vasos de barro cosido, outros tantos machados de bronze, alguns de pederneira, muitas fusolarias e um numero illimitado de testos —

— O que vem a ser *fusolarias?* — perguntou a Tranquilina.

— São uns cassoilos pequenos, planos, circulares, com um buraco ao meio; se acaso os meus antepassados da Edade da pedra os não pendurávam ao pescoço a modo de bentinhos, ainda estou para saber o uso que lhes davam

— E não se encontrou nada melhor? — inquiriu a Amalia.

— Pois não encontrou! — Por exemplo, alguns ponçoes, flechas e alfinetes para o cabello, tudo de bronze.

— De véras?

— De véras... não esteja a rir! Ali defronte, no Isolino, estação lacustre de primeira ordem, de bronze, apenas foram encontrados anzóes: flechas e ponções, nem um... e como os anzóes são indispensaveis ás gentes que vivem na agua, deprehende-se, pois, que os primitivos dônos da minha propriedade conheceram uma civilisação anterior á do Isolino — Acha que me explico bem?

— Assim, assim — respondeu a Amalia.

— Queira darme o braço, e emquanto lhe vou mostrar o sitio onde para a semana vou mandar dar principio ás excavações da quarta cóva, explicar-lhe-hei...

— Como dizer que não?

Apartou-se a Amalia dos Velhos e, um tanto contrariada, agarrou-se ao braço esquerdo do Frederico.

E o aturdido Joaquim, que experimentou necessidade imperiosa de esfregar as mãos, não viu a olhadella melancolica de Romulo, nem sentiu o olhar de fôgo que no rosto lhe cravou o dr. Roque.

— Ora vejam, — dizia o Frederico — os objectos encontrados *na minha cóva.*

Um frio de gêlo percorreu as veias ao Romulo, quando ouviu tão inoportunas palavras, e o Joaquim deixou de esfregar as mãos.

... Estamos chegados — proseguiu o Frederico — a uma época de transição entre a Edade de pedra e a do bronze, isto é, a um tempo em que os meus antepassados, já conchecida a utilidade do bronze que custava os olhos da cara, começavam a empregal-o, primeiro nos objectos de mais urgente necessidade, depois, em adornos, continuando, porém, a servir-se do silex para o demais, por economia. Assim, pois, como...

— Mas onde foi o senhor aprender tanta coisa? — vociferou o doutor Roque, aproximando-se do mancêbo.

O Frederico, em vez de responder, disse:

— Eis-nos aqui, no verdadeiro sitio; aqui por baixo é que está o thesouro.

— Aqui mesmo? — perguntou a Amalia, largando graciosamente o braço do cavalheiro...

— Visto como hade estar em uma das quatro esquinas da casa, e nas outras tres nada se tem encontrado...

— Havia um bom pedaço desde que o doutor Roque tivera occasião propicia para desafôgo do seu antigo rancor, olhou, pois, para o céu com um certo dó, e disse:

— Succede sempre assim: assim o dispõem os regulamentos celestiaes; a mim, por exemplo, nunca me succedeu encontrar o lenço na algibeira em que o procurava; estava sempre na outra

Riram-se todos.

— E como é que se arranjava? — perguntou, imprudente, o Joaquim.

— Não fui eu quem me arranjei; quem me arranjou foi o senhor — retorquiu o doutor com feroz humildade; desde que o braço direito me não serve para nada, tão pouco sei para que me servem os bolsos do lado direito; o alfaiate, porém, teima em m'os pôr, que assim lhe ordenara o figurino.

— E aqui, tambem vae mandar fazer uma cisterna? perguntou a Amalia?

E cortando a palavra ao pae, fitava-o, insistente, e com expressão, a um tempo, de enfado e de desculpa.

— Ou uma cisterna — respondeu o Frederico — ou um pantheon de familia, onde venham deixar-se enterrar os meus descendentes todos.

Era facil de observar que nem tinha descendentes, nem provavelmente os viria a ter jámais, a não se darem certas ceremonias preliminares.

«Case-se» — esteve para lhe dizer a joven; n'esse comenos, reparou, porém, nas feições descompostas do Romulo; chegou-se a elle e perguntou-lhe:

— Que tem?

— Não lhe parece que estará? ...

E o Romulo para completar a phrase, fingiu que ventilava a testa com a mão.

A Amalia voltou-se de improviso e examinou o mancebo; este tinha fixos n'ella os olhos e ria.

— Queira vir commigo, senhora Tranquilina — disse o Frederico; deve ter muito empenho de ver, quando menos, uma das minhas vasilhas de barro cosido, não é verdade?

— Pois não... replicou a excellente senhora com a sua habitual docilidade.

E encaminharam-se para a habitação: os outros seguiram-n'os.

(Continúa) *Pin-Sêl.*

GUERRA HISPANO-AMERICANA

D. JOSÉ MARIA DE GORORDO
Commandante do «Affonso XIII»

D. MANUEL DESCHAMPS
Commandante do «Montserrat»

Typ. de A. E Barata Rua Nova do Loureiro. 25 a 39